

Coni: a viagem de um mágico ladrão de cinema

Fernando Coni Campos é um baiano atípico. Não tem nada da negritude da triste Bahia do Recôncavo, embora seja nascido lá. Como Marta Rocha, a baiana de duas poldigadas a mais, tem olhos claros (azuis-esverdeados). Como o sertanez Elomar (El Omar), é um baiano que não tem cara de Bahia.

Apesar dos azuis olhos europeus, Coni traz dentro de si um mundo afro-brasileiro. Um mundo de poesia-suja. Suja e embriagada, nas matrizes da cultura popular da gente mestiza de Cachoeira, Castro Alves e Pelourinho.

Pois é este cineasta que estará nas telas do Cine Brasília, amanhã, através de *Viagem ao Fim do Mundo*, um filme de 1967. Nós, brasilienses, só conhecemos *Ladrões de Cinema* (76) e *O Mágico e o Delegado* (83), filmes que deixaram belas lembranças em dois festivais de Brasília. Mas nos anos 60, inicio dos 70, Coni realizou filmes desconhecidos e (para quem viu) belos: *Morte em Três Tempos* (63); *O Homem e Sua Jaula* (68), *Uma Nega Chama da Teresa* (72) e *Sangue Quente em Tarde Fria* (parceria com Renato Newman).

Entrevistá-lo é um prazer. Traz informações profundas e conhecimentos vários. Nunca, porém, os despeja com arrogância. Romancista (é um dos mais brilhantes roteiristas do cinema brasileiro) fala de cinema e de literatura com prazer raro. Aqui, porém, só vai a síntese de duas horas de conversa, travada na manhã de ontem, à beira da piscina do Gavay Park Hotel.

— Por que você escolheu “Viagem ao Fim do Mundo” para a mostra CINEMA DO CINEMA?

— A escolha foi do Bressane. *Viagem* é meu segundo filme. No primeiro, *Morte em Três Tempos*, de forma ainda tímida, tentava contar uma história atracada no meu bairro, no meu cotidiano. Acabei optando por um roteiro policial, escrito por Luis Lopes Coelho. Pensando estar fazendo um filme inofensivo, acabei questionando “o amanhecer do novo dia”, que a esquerda brasileira aguardava, para dali a qualquer hora. Como meu filme mostrava o nascimento de Ipanema, acabou flagrando o nascimento “esquerda festiva”. Por colocar em dúvida o “novo amanhecer” e apresentar “a festiva”, o filme acabou estigmatizado. Não deixou, por isto, de ser profético, pois no ano seguinte, 1964, o País veria que nenhum alvorecer se anunciaría. Ao contrário.

— E quando foi que você resolveu fazer a “Viagem ao Fim do Mundo”?

— Um dia, em 66, tomei um avião. No aeroporto, comprei um livro de bolso (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*) e algumas revistas de variedades. Já no prefácio do livro, Machado punha em dúvida se teria 100 leitores, 10, cinco, um só, talvez. Ao abri-lo, ao acaso, caí no

capítulo *O Delírio*, que o próprio autor diz ser algo à parte, que o leitor pode saltar, se quiser, sem perder o fio da meada. Li, até chegar o momento em que Pandora resolve mostrar o que tem sido a vida na Terra. Ela apresenta, então, uma aterrissante e caleidoscópica história da humanidade. Indaguei, então: e se eu colocar isto em imagens, ilustrando a caleidoscópica visão de Pandora, com imagens de revistas de variedades? E foi isto que fiz, acrescentando mais um capítulo do Brás Cubas: *O Senão do Livro*, onde Machado comenta “se este livro está errado, a culpa é sua, leitor”.

— Você se julga um “fazedor” de filmes experimentais? Afinal, “Ladrões de Cinema” e “O Mágico e o Delegado” são filmes de construção quase clássica.

— Não sou um cineasta experimental. O que busco é o cinemapoësia. Na *Viagem*, porém, tomo atitudes que são típicas do cinema experimental. Um dia, durante as filmagens, meu assistente, José Roberto Noronha, apareceu com uma namorada muito bonita. Resolvi que ela atuaria no filme. Não dá, retrucou a equipe, pois todos os personagens já se encontram embarcados no avião. “Pois ela vai aparecer dentro do avião, ao lado do Jofre Soares, e ele espantado, perguntará: ‘quem é você?’” E ela responderá: “sou um erro de continuidade”.

— Mas num filme baseado numa obra como “Brás Cubas”, onde a metalinguagem é permanente, esta solução não deserta.

— Exatamente. O fato de inspirar-me em um livro onde o autor conversa, sempre, com o leitor, me permitiu buscar a solução que introduziu a bela namorada do assistente no avião.

EMBRAFILME

Partimos, então, para longa e detalhada conversa sobre a Embrafilme; o apoio deste grupo, que ora apresenta CINEMA DO CINEMA, a Carlos Augusto Calil; a questão do “cinema de mercado”, a democratização da produção de filmes com recursos do Estado e o acordo Brasil/França, na área cinematográfica.

Genericamente, colocamos para Coni: Vocês não tinham um nome novo para a Embrafilme? Por que optar por administrador que participou da linha de frente do órgão, nas gestões de Celso Amorim e Roberto Parreira? Procede a denúncia de Sérgio Santeiro, no sentido de que, para ter o apoio do grupo de vocês (os chamados “independentes”) Calil se comprometeu a financiar 30 filmes, sem ter, para tal, nenhum centavo em caixa? Em que medida a Embrafilme da Nova República se democratizou? Que canais de participação vocês terão para evitar que apenas certos produtores sejam beneficiados? O



Fernando Coni Campos faz sua *Viagem ao Fim do Mundo*

quê, de concreto, Calil fez? Afinal, do acordo Brasil/França, os beneficiados, até agora, são Nélson Pereira dos Santos (com Jubiabá), L.C. Barreto (com a Igreja dos Oprimidos) e Tisuka Yamazaki (com Santos Dumont).

Coni (também genericamente): Discutimos muito se devíamos apoiar um nome novo, que nunca tivesse atuado na velha Embrafilme. Depois, ponderamos que o organismo era muito complicado e que devia gerir alguém que o conhecesse bem e tivesse um compromisso com o cinema cultural. Quanto à denúncia do Santeiro, acho que ela não procede. Pelo que sei, Calil ainda não assinou nenhum novo projeto. Ele concluirá os 10 longas do convênio Secretaria de Cultura de SP/Embrafilme e alguns projetos do Rio, acordados na gestão passada. A democratização da Embrafilme deverá deslanchar de agora em diante. Afinal, o Calil está em fase de arrumação da casa. Ele tem um compromisso conosco e com os cineastas paulistas de não fa-

vorecer, como as gestões anteriores, apenas a determinados produtores, que muitas vezes se locupletaram com o dinheiro do Estado. Quanto ao acordo Brasil/França, que deverá tornar-se mais nítido com a visita do presidente Mitterand, está em fase de desdobramento. De minha parte, recebi de Calil a missão de pesquisar momentos da história brasileira em que os franceses aqui atuaram. Como um de meus próximos filmes — *O Fiel do Amor* (que tem como ponto de partida páginas de Pedro Nava) — fala de um tempo em que o embaixador e poeta Paul Claudel e o músico Darius Milliou atuaram no Brasil, meu próximo projeto pode entrar na safra das co-produções franco-brasileiras.

— Algum outro projeto?

— “A Visita de Pancho Villa ao Brasil”. Aquele que te contei, na Bahia, em Cachoeira, depois daquela animada sessão de *O Mágico e o Delegado*. (Um dia, leitor, com calma, escreveremos sobre este genial e delirante roteiro de Coni). MRC.